

**A VENDEDORA
DE ILUSÕES E
UPAGUPTA**

estudo dirigido





Mais um excelente
texto do nosso
querido amigo, para
ser estudado.

Gastão Crivelini

A mulher ante o Cristo

O notável poeta indiano Rabindranath Tagore, numa de suas páginas mais belas, narra, -e eu contarei com a própria emoção – a história de um ser iluminado. Ele se refere a Upagupta, um ser abençoado por Deus, que desceu à Terra para trazer a mensagem da esperança.

Em sua longa peregrinação pelo sul da Índia, Upagupta se dirigiu a uma populosa cidade. (Seria Ribeirão Preto, no sul do Brasil, na Praça Sete de Setembro, onde há frondosas e belas árvores centenárias? Ou também, Belém do Pará, onde conheci a mais alta, a mais bela e frondosa árvore que já vi? A semelhança que me acode à memória é notável.) Era Primavera. Sentindo o encanto da Natureza, às portas da cidade, jardins exuberantes, flores em júbilo, Upagupta deitou-se à sombra de uma frondosa árvore. Deitou-se e adormeceu.

Não saberia dizer o tempo que transcorreu entre deitar-se e mergulhar no sono, quando foi despertado, e olhando para cima deparou-se com um semblante angelical. Era uma jovem que o contemplava, desvanecida e encantadora, sorrindo.

Havia-o tocado, e o despertara, apresentando-se como uma das deidades. Upagupta assustou-se, e ela falou jovial:

- Venho trazer-te o encanto do prazer. Eu sou vendedora de ilusões. A minha vida é dedicada ao encanto e à satisfação dos sentidos. Eu moro aqui próximo. Então eu desejo te convidar para que venhas ao meu lar, porque hoje é o dia do meu aniversário. Upagupta, deitado e olhando aquela bela jovem toda.

- Hoje, infelizmente, não posso.

- Mas eu necessito de ti. Somente

desejo dizer-te que há algo em ti que me atrai e que me envolve. Para ser mais clara: Eu te amo. Eu sinto na tua presença uma paz que vem dos deuses. Irás à minha casa?

- Mas eu não posso hoje. Perdoa-me. O teu encanto me fascina tanto que eu prometo: Um dia... Um dia eu voltarei para atender ao teu apelo.

- Não quero assim! Hoje eu sou uma mulher dos desejos...

Ela levantou-se, ergueu os braços e adentrou a porta central da muralha onde desapareceu, na primeira curva diante de um templo.

Passaram-se dois anos. Era inverno. A natureza havia se enrijecido.

Upagupta voltou àquela mesma cidade do sul. Não saberia dizer por que, muito menos para quê, e quando adentrava a porta principal da cidade, percebeu a degradação, a decadência, a mão implacável do tempo, e um murmúrio dorido...

Upagupta saiu à procura da direção daquele estranho som e encontrou, envolto em trapos, um corpo retorcido, e acercou-se suavemente. Ele, tocando aquela cabeça úmida, sorriu e então um ser feminino indagou:

- Que queres de mim? Se vieste para comprar perfumes, já não os tenho para vender, e se vieste por compaixão, foge. Deixa-me morrer. Tenho lepra.

Upagupta curvou-se, acariciou-lhe a cabeça e falou, como um doce canto, de uma experiência que a saudade não apagou:

- Eu venho atender ao teu convite. Não te lembras de mim? Faz dois anos. Ali mesmo, à entrada da cidade, tu me apareceste como uma visão maravilhosa e me convidaste para ir ao teu lar. Eu disse que não podia ainda, mas hoje na tempestuosa noite de tua vida eu voltei.



- Oh! Por que demoraste tanto?
Desde aquele dia eu te espero!

- Deixa-me ver os teus olhos. Naquele dia que não vai longe nem está perto, tu me disseste algo, mulher, que eu nunca esqueci: Eu te amo, porque eu vejo em teus olhos uma estranha chama e assim faço porque te amo. Agora deixa-me dizer-te: Eu vejo nos teus olhos - e os olhos negros de Upagupta pareciam estrelas que brilhavam no silêncio de um céu azul

- Vejo nos teus olhos uma perene chama, porque te amo.

- Já que não serves para mais nada, e que teu corpo não pode mais servir para o banquete da mentira e para a volúpia do definhamento, dá-me tua alma! Eu sou aquele que, recebendo a alma, ilumina-a para que nunca mais a treva a envolva e a perca na fantasia do engano humano.

- Dorme. Eu sou a paz. Eu venho em nome de Brahma para iluminar a Terra, e aquele que comigo se encontra, nunca mais tropeçará no abismo da ilusão.

A mulher estremeceu. Encostou a cabeça dorida no ombro do enviado e adormeceu no corpo, para acordar na Eternidade.



CONVERSANDO COM
DIVALDO P. FRANCO

(com André e Emmanuel)



fonte: (Espírito de Verdade. Paris, 1860.)

"Espíritas!, amai-vos,
eis o primeiro
ensinamento.
Instruí-vos, eis
o segundo".



LAR ESPÍRITA VINHADE LUZ

33

Rua Frei Itaparica, 33

(paralela à rua Carlos Gomes)

Vl. Guilherme - Jundiaí

13216.180

(11) 4587.5357

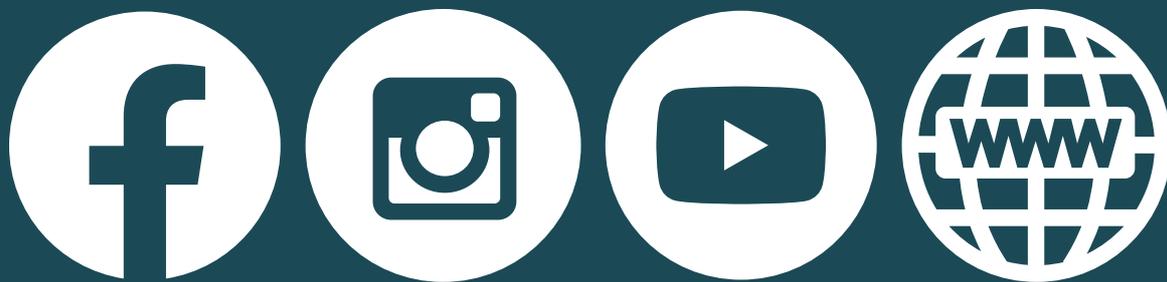


contato@vinhadeluzjundiai.org.br



Visite nossas redes

@vinhadeluzjundiai



www.vinhadeluzjundiai.org.br

Estamos atualizando nossas redes.
Em breve você encontrará muito conteúdo.
Acreditamos que muitas outras pessoas podem
conhecer a Doutrina Espírita.
Por isso contamos com sua ajuda para
curtir, comentar e compartilhar.

